

Edgard Cayce, O Clarividente

Anuário Espírita/1973



Ainda que pouco conhecido no Brasil, Edgard Cayce foi um dos grandes médiuns da história do Espiritismo e, nos Estados Unidos, tão famoso quanto o próprio Andrew Jackson Davies. Nasceu no dia 18 de março de 1877, em Hopkinsville, EUA.

Cayce desencarnou no dia 5 de janeiro de 1945, em Virginia Beach, levando uma das mais estranhas e espetaculares faculdades psíquicas de que se tem notícia e que ele próprio nunca pôde explicar, faculdade que espantou o seu possuidor no decorrer de toda a sua vida.

Cayce era dotado de um extraordinário poder de vidência que lhe permitia, sem jamais errar, estabelecer diagnósticos médicos e indicar o tratamento ou medicamento específico que convinha sempre com perfeita exatidão. Para isso tinha que entrar em um estado de sonambulismo hipnótico

profundo, sem o que não era possível o exercício da faculdade.

Nascido de uma família da zona rural, Cayce iniciou sua vida como trabalhador agrícola em casa de um tio. Mais tarde se fez empregado de uma livraria na cidadezinha de Hopkinsville, depois enfim, foi proprietário de um pequeno laboratório fotográfico, ramo em que pretendia fixar-se. Mas o destino ia atirá-lo em uma extraordinária aventura e, malgrado seu desejo, forçá-lo a se transformar em uma espécie de taumaturgo-médico, coisa que se recusava ser.

Tudo, porém, começou quando o pequeno Edgard, com 11 anos foi vítima de um acidente durante uma partida de base-ball. Recebera um golpe violento na base da coluna vertebral. A pancada fora tão rude que o médico da região, que não abandonava sua cabeceira, não conseguira tirá-lo do estado de coma. Ora, de repente, para estupefação geral, a voz do garoto se elevou clara e tranqüila do leito, embora ele parecesse dormir profundamente e disse:

- Apressai-vos, o cérebro corre risco de ser atingido!

Sob hipnose o médium prescreveu a administração de uma dose de beladona, em breve espaço de um antídoto.

Passando por cima das objeções dos médicos a mãe insistiu em dar, ela própria, a dose do veneno.

Quase de imediato as convulsões cessaram.

Depois que o antídoto foi administrado, a criança afrouxou os membros, ficou calma e dormiu tranqüilamente.

Existe uma fundação chamada Fundação Edgard Cayce, onde os médicos, filósofos e psicólogos do mundo todo estudam ainda hoje os "dossiers" acumulados por sua família.

Edgard Cayce é conhecido como o mais puro, o menos discutível, o mais espantoso dos casos de clarividência.

Depois de alguma agitação e ao acaso, decidiram-se aplicar a preparação indicada.

Nessa mesma noite, como por milagre, a febre caía. No dia seguinte o garoto estava de pé, tão bem disposto como se nada lhe houvesse acontecido. Ele desconhecia a maioria das plantas que indicara e não tinha a menor idéia do que se passara.

Assim começou uma das histórias mais estranhas de que se tem conhecimento no campo da mediunidade de cura. Todavia, de princípio, Cayce negou-se a fazer uso de seu dom. Sentia-se ignorante e queixava-se de não ser uma pessoa comum, como as outras.

Uma série de circunstâncias e sob pressão de uma amiga de infância, sua futura esposa, Gertrudes, foi persuadido de que não tinha o direito de reservar seu maravilhoso poder para si mesmo, mas que deveria pô-lo a serviço de quantos tivessem dele necessidade.

Foi quando um amigo de Edgard, Al Layne, se apresentou enfermo.

Agravando-se a situação, Cayce concorda em submeter-se ao sono pelo qual tentará verificar a

causa do sofrimento do companheiro. E assim o faz, particularizando os medicamentos que deverá empregar para a cura.

Desperto, mas, aterrorizado, grita:

- Eu não conheço a metade das palavras que estão anotadas aqui. Não tome estas drogas, poderia ser perigoso. Eu nada conheço de medicamento, tudo isto é um absurdo!

Tranca-se em seu ateliê, recusando-se a ver Al. Uma semana se passa e este se apresenta, forçando um encontro com o amigo. Está transformado: nunca se sentiu tão bem em toda a sua vida. Os medicamentos prescritos durante o sonambulismo tinham realizado maravilhas. E a história corre a região. Toda a vila comenta o acontecido, as solicitações de consulta se acumulam. Cayce resiste.

- Não é porque eu fale dormindo que vou me meter a tratar de doentes!

Mas a pressão em torno dele cresce. Por fim cede, mas com a condição expressa de não ver os doentes,

Diferindo um pouco de outros casos, Cayce começou a descrever o estado físico da enferma como se seus olhos tivessem raios X.

Indicou que um dente do sizo estava de um jeito que comprimia o nervo cervical.

Era preciso extrair o dente para suprimir a pressão e reconduzir a moça ao seu estado normal.

Examinou-se a boca da doente e verificou-se a exatidão do diagnóstico.

Depois da extração a moça recuperou o juízo.

Uma outra jovem de Kentucky deu à luz um prematuro.

Aos quatro meses, a criança enfermiça desde o nascimento, teve um ataque de convulsão tão grave que os três médicos que a assistiam, entre os quais seu próprio pai, acharam que não passaria daquele dia.

Desesperada a mãe pediu a Cayce um diagnóstico.

alimentos nem abrigo, sofrera cruelmente durante três dias e três noites, desenvolvendo um supremo esforço para desligar seu espírito do corpo, o que por fim conseguiu. Sua presente vida era uma espécie de teste para sua alma, ocasião que lhe era dada para servir ao gênero humano com altruísmo, para suprimir assim seu orgulho, materialismo e sensualidade do passado.

E o conseguiu, a julgar-se pela história de sua vida.

Dois episódios podem ser considerados notáveis entre as sessões realizadas por Cayce.

Uma jovem de Selma, no Alabama, perdeu subitamente a razão e foi internada em um hospício.

Seu irmão, desorientado, procurou Cayce que se estendeu em um leito, fez algumas respirações profundas e adormeceu.

Recebeu então sugestão para que examinasse o corpo da jovem e fizesse o diagnóstico.

temeroso de que, vendo-os seu espírito pudesse ser influenciado.

Exige também que os médicos assistam às sessões e impõe que não seja aceito um único ceitil pelo trabalho de socorro.

Seus diagnósticos são de tal precisão, as prescrições tão perfeitamente adaptadas aos casos, que os médicos, em breve, se convenceram de que ele era um companheiro camuflado.

Cayce limita-se a duas sessões por dia, não porque os estados sonambúlicos o fiquem, pois que se sente bem repousado, mas porque necessita cuidar de seu pequeno estúdio fotográfico. Observam que ele não faz, apesar de tudo quanto sucede, o menor esforço por adquirir conhecimentos médicos. Mostra-se inteiramente desinteressado dos livros e revistas especializados que lhe chegam às mãos. Continua sendo o mesmo homem rústico, com um simples diploma primário. Também não se acomoda ao seu dom. Aqui surge um pequeno detalhe curioso. A cada vez que se vai negar, torna-se afônico.

A um dos magnatas das estradas de ferro americana, James Andrews, que vem consultá-lo, posto em estado sonambúlico, prescreve uma série de medicamentos, entre eles um trazendo o nome de Água de Orvale.

Esse remédio não é encontrado na América.

Andrews resolve colocar anúncios em jornais e revistas médicas, disposto a descobrir o que seja essa água desconhecida.

Ora, o aparente sempre benfeitor fez com que uma das publicações caísse nas mãos de um jovem médico francês, parisiense, cujo pai era o inventor dessa fórmula altamente complexa e que tinha deixado de ser explorada havia 50 anos.

Em uma sessão, pouco antes, Cayce conseguia ditar a fórmula que foi reconhecida conforme à do autor, como se verificou em seguida.

Diante de tais fatos o Dr. John Blaksburn, Presidente do Sindicato Médico, se apaixonou pelo caso Cayce.

Um outro exemplo ainda mais notável da exatidão histórica das "leituras" de Cayce e inteiramente independente do que o consciente do médium podia conhecer, é uma referência a Jean Poquelin, cuja mãe falecera quando ele era ainda rapazinho.

Feita a verificação viu-se que, adormecido, Cayce citara exatamente o verdadeiro nome de Molière, episódios de sua vida e a morte prematura de sua mãe.

E Cayce, quem fora em precedente existência?

Qual a origem de sua notável clarividência?

As "leituras" de suas vidas, feitas por ele próprio, adormecido, revelaram que há vários séculos fora sumo-sacerdote no Egito e que possuía, então, notáveis faculdades.

Perdera-as por sua obstinação e sensualidade.

Numa reencarnação ulterior, na Pérsia fora médico.

Ferido certa vez no decurso de uma batalha no deserto e deixado na areia para morrer só, sem água,

anteriores, fora soldado sulista da Guerra de Secessão.

Soube ainda que viveram em Henrico County, na Virgínia, e que, se desejasse, poderia achar traços oficiais dessa existência.

O homem aproveitou a primeira ocasião para ir a Henrico County, onde não achou os registros, mas um funcionário informou que os antigos documentos haviam sido recentemente remetidos para a biblioteca histórica do Estado da Virgínia.

Ali o nosso homem foi encontrar registros em nome de Barnett A. Seay, que engajara em 1862, na idade de 21 anos, no exército do general Lee, como porta-bandeira.

Em outro caso disse que a pessoa em precedente existência, fora um mergulhador de tamboreto.

Cayce não sabia o que era isso, mas descobriu que tal título se ligava ao antigo costume em uso na América do Norte, de se amarrar os supostos feiticeiros num assento e mergulhá-los em lagos de água gelada.

Organizou uma comissão de membros, os quais passaram a assistir as sessões, mostrando-se cada vez mais estupefatos.

Disso resulta que o Sindicato Geral Americano reconheceu as faculdades de Cayce e, após muitas reuniões, fato único na história da medicina no mundo, autorizou-o a dar consultas mediúnicas.

Por esse tempo Cayce tinha se casado e possuía um filhinho de oito anos que, brincando com fósforos fez explodir um estoque de magnésium. Seus olhos são cruelmente atingidos, os especialistas concluem por uma progressiva cegueira e propõe a ablação de um dos globos oculares. Profundamente angustiado Cayce se entrega ao sono sonambúlico. Em transe vai energeticamente contra a medida e propõe um tratamento de quinze dias com compressas de ácido tânico. Os especialistas protestam, chamam à prescrição uma loucura, mas Cayce, se bem que presa de terríveis angústias, não ousa resistir ao espírito que o anima e que sempre verificou estar certo. Quinze dias de expectativas dolorosas se seguem e em seguida o jovem Cayce se cura.

Um dia, ao curso de uma sessão, ele prescreve um medicamento ao qual denomina Coridon, indicando o laboratório que o fabrica, em Chicago. Telefonam ao estabelecimento e a direção espantada pergunta:

- Como sabeis que possuímos esse medicamento? Não falamos dele a ninguém, ele não está ainda à venda! Sua fórmula acaba de ser concluída e ainda agora demos a ela esse nome de Coridon!

O mais extraordinário, entretanto, ocorreu quando, ao curso de outra sessão, profundamente adormecido, Cayce ditou quatro receitas muito precisas, sem que ninguém atinasse para quem se dirigiam.

Quarenta e oito horas mais tarde, porém, quatro doentes se apresentam e se percebe então que as receitas eram a eles destinadas.

Atingido por um mal incurável, que não deixava ninguém perceber, Cayce desencarnou no dia e à hora exatos que predissera, isto é, 5 de janeiro de 1945, às 17 horas.

Interrogado em estado de sono comum, ou de sonambulismo, o que é diferente, quanto ao processo

Cayce recebesse uma sugestão hipnótica mais apropriada, bem como a fórmula necessária.

Eis como isso se processava:

- Ide à presença de... nascida a..., em... e indicareis as relações entre essa pessoa e o universo e as forças universais, dando as tendências que são como personalidades latentes ou aparentes na presente vida.

Dareis também as personalidades anteriores no plano terrestre, com a indicação de tempo, lugar e nome, e direis o que, em cada uma dessas experiências, contribuiu para adiantar ou retardar o desenvolvimento dela.

De ordinário as "leituras" davam os nomes exatos das pessoas em suas vidas anteriores e, algumas vezes, indicavam igualmente o lugar em que poderiam achar as provas ligadas ao caso: ora um livro, ora um antigo registro, ora uma pedra tumular.

O melhor exemplo de tais casos talvez seja este: foi dito a certo homem que em uma das suas vidas

Para Lammers, que era muito lido e estava familiarizado com as doutrinas mais importantes sobre o destino humano, foram elas eletrizantes. Significavam elas que a visão supranormal de Cayce admitia como fato a antiga doutrina da reencarnação.

Foi daí que começaram as novas experiências.

Cayce concordou com elas depois que lhe foi explicado o que era reencarnação e que na Bíblia haviam muitos ensinamentos velados de Cristo a seu respeito.

Lammers fazia suas perguntas e as "leituras" as respondiam, agora com mais precisão e detalhes, tanto no que diz respeito às experiências de sua própria vida anterior como sobre outras questões.

Tudo isso parecia muito bizarro a Cayce, mas a curiosidade o impelia a continuar as "leituras" que Lammers lhe pedia.

Elas lhe fizeram compreender que as informações que poderiam ter sobre as vidas anteriores seriam melhores se deixassem de pedir horóscopos e se

de sua faculdade, respondera um dia que se punha em contacto com um ou vários cérebros cujos conhecimentos se aplicavam aos diagnósticos e aos tratamentos, na medida em que se apresentavam.

Muitas são as obras publicadas acerca de Cayce e suas faculdades.

A Dra. Gina Cerminara, em sua obra "Many Mansions", título que se refere à passagem evangélica "Há muitas moradas na casa de meu pai", trata, mais exclusivamente daquilo se denomina "leituras de vidas", uma das faculdades de Cayce.

Essa faculdade possibilitava-lhe descrever as reencarnações anteriores das pessoas.

Conservam-se em Virginia Beach, onde residia, dezenas de milhares de dossiers contendo, estenografadas as "leituras" e diagnósticos do médium. Cayce, que só conhecia a Bíblia, ficou estupefato quando soube que, nas suas "leituras", fizera referências às vidas anteriores de seus consulentes, pois nada conhecia sobre a reencarnação.

No começo, seus poderes de recepção eram dirigidos para o interior, isto é, para as partes não visíveis do corpo humano.

Não foi senão mais tarde que se certificou do fato de que tais poderes poderiam ser igualmente dirigidos para o exterior, para o próprio universo, para as relações do homem e do universo e para os problemas do destino humano.

Eis como tal aconteceu:

Arthur Lammers, próspero impressor de Dayton, no Ohio, ouvira falar de Cayce por um dos seus sócios e estava pronto para uma viagem a Selma, no Alabama, onde Cayce vivia.

Não se tratava de sua saúde e, depois de ter observado durante vários dias tais leituras, ficou convencido da autenticidade de Cayce. Lammers era instruído, possuía viva inteligência e refletiu que, se um espírito era capaz de perceber realidades que escapavam à vista normal ele devia poder fazer a luz sobre problemas de significação mais universal que o funcionamento do fígado de um enfermo ou as complicações do tubo digestivo.

Lammers se interessava pela Astrologia, ele pretendia que, se a Astrologia fosse verdadeira, poderia haver aí uma forma de análise que religaria o homem ao universo, de modo inteligível.

Pareceu então ter chegado a oportunidade de iniciar suas investigações.

E quando Cayce se deitou naquela tarde de outubro de 1923, num quarto do velho Hotel Phillips, de Dayton, foi-lhe sugerido não olhar o interior do corpo de Lammers, mas fazer seu horóscopo.

Obedecendo como de hábito à sugestão recebida, Cayce, adormecido respondeu por um horóscopo em frases breves, telegráficas.

E depois, quase no fim da leitura e sempre no mesmo estilo descansado e impessoal, veio uma frase curiosa:

-Outrora ele foi um monge!

Pequena frase, de poucas palavras, mas quanto daí resultou!